

Anotações sobre o filme “Ressaca”

(Direção de Andrea França, pesquisa de Patricia Machado e Montagem Arthur Naar, 2021)

No primeiro minuto do filme somos transportados para o Rio de Janeiro dos anos 1920. A vivacidade das imagens em movimento, ajustadas para um ritmo que nos permite observar com cuidado os elementos da cena, criam um atalho para o passado. Quase sentimos o respingo da água salgada que bate contra a mureta da Av. Beira Mar.

A sequência inicial, de cerca de dois minutos, compõe-se por: dois trechos de filmagens de uma das ressacas que levantou o mar, fazendo o espanto e a alegria dos passantes; uma fotografia da destruição do complexo balneário do Passeio, o café, o terraço e o teatro; uma cartela de contextualização; e pequenos recortes de jornais que nos informam sobre o impacto da ressaca na cidade. O trecho se conclui com um jato branco de espuma que se eleva quando a onda bate contra a mureta, mostrando os curiosos que escaparam do banho.

Nesse início, o barulho do mar se associa à trilha sonora de música eletrônica que, ao mesmo tempo que dá o tom da trama iniciada, quebra a aparente transparência do meio visual, nos colocando no lugar de espectador. Os oito minutos que completam o filme são compostos por sequências criadas por um rico conjunto de material de arquivo - fotografias, vistas estereoscópicas, trechos de filmes de Silvino Santos, Alberto Botelho, recortes de jornais e revistas de época. Os documentos, transformados em imagens, são associados pelas cartelas encadeando uma narrativa histórica sobre a cidade nos anos 1920. O curta questiona a velocidade com que se constrói e se destrói uma cidade.

A história contada ganha volume e espacialidade com os efeitos sonoros que aludem aos sons do mar, ao burburinho da cidade e ao canto dos pássaros nas cenas do Passeio Público. A ambientação sonora nos convida a entrar na cena filmada, mas é quebrada pela interferência da música eletrônica que, além de nos devolver ao nosso lugar de origem, atua como uma ‘voz em off’ dando o ritmo de intriga à trama narrada.

Trama e intriga podem ser as duas faces do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Então capital federal, a cidade viu sua geografia totalmente transformada em menos de 20 anos. O Morro do Castelo, marco de fundação da cidade, foi totalmente arrasado com jatos de água, as construções coloniais deram lugar às edificações neoclássicas e ecléticas, e as disputas entre empresas capitalistas para fornecimento de energia e saneamento deram o tom da entrada do Brasil no concerto das nações civilizadas.

A expressão "Rio civiliza-se", cunhada pelo jornalista Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), autor da seção "Binóculo", da Gazeta de Notícias, se tornou o slogan da reforma urbana carioca. O reordenamento urbano que transformaria o Rio de Janeiro na Paris dos trópicos, com grandes avenidas para a circulação de automóveis e bondes, contou com um projeto paisagístico de jardins europeus. Nos espaços cuidadosamente ordenados, a natureza domesticada em aleias e laguinhas cercados por árvores e arbustos, tinha sua face oculta. Afinal de contas, para onde foram os moradores de um morro que ocupava quase todo o centro da cidade? Quem ganhou com tantos apagamentos dos espaços de reconhecimento da cidade e de sua cidadania?

A trama que reordenou o espaço central da cidade apoiada na intriga branca, capitalista e burguesa, ocultou a face africana da cidade, destituindo de cidadania aqueles que no pós-abolição ajudaram a civilizar a cidade nos canteiros de obra, nas casas de família, na estiva, nas fábricas, nos serviços gerais, entre muitas outras atividades. A presença negra nas imagens de "Ressaca" salta aos olhos pela sua ausência.

O termo *ressaca*, no dicionário, apresenta quatro significados: "1. Forte movimento das ondas sobre si mesmas, resultante de mar agitado quando se chocam em obstáculos no litoral; 2.(informal) Mal-estar causado pela ingestão de bebidas alcóolicas; 3. (Informal) Mal-estar produzido por uma noite em claro; 4. (figurado) Inconstância e volubilidade" (<https://www.dicio.com.br/ressaca/>). Em "Ressaca", a narrativa composta pela trama intertextual nos coloca frente ao mar revolto diante da cidade que toma o seu espaço; frente à precariedade de sucessivos projetos de poder em que a ocupação do espaço urbano se faz às custas da privatização dos bens públicos; e diante do mal-estar causado por uma história plasmada por excessos de violência, pela perda dos marcos da memória social e pela destruição de uma cidade enebriada com sua própria beleza.

**Ana Maria Mauad (LABHOI-UFF)
Rio de Janeiro, março 2022.**

Ana Maria Mauad é doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado no Museu Paulista da USP. Atualmente é professora titular do Departamento de História, pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, desde 1992, do CNPq desde 1996 e Cientista do Nosso Estado Faperj desde 2013, Pesquisadora Visitante, Cátedra Celso Furtado, St. Johns College, Universidade de Cambridge (2018). Dedicou-se ao ensino de teoria e metodologia da história, é autora do livro "Poses e Flagrantes: ensaios sobre História e fotografias" (Eduff, 2008) e organizadora da obra "Fotograficamente Rio, a cidade e seus temas" (FAPERJ/PPGH/LABHOI, 2016) de vários artigos e capítulos de livros sobre temas ligados à História Oral, História Pública, História visual, História cultural e História da Memória. Dedicou especial interesse à reflexão crítica sobre fotografia.